

No Centenário de Nascimento de Manuel Antônio de Andrade Furtado (*)

Luis Sucupira

A princesa D. Urraca, filha do rei Fernando, de Aragão e Castela, que reinou entre 1474 e 1516, mandou raptar o menino de nome Fernando Perez de Lima, filho de D. Pedro Gonzalez de Lara, para contar com um varão na família. Não querendo esconder sua origem, acrescentou-lhe o sobrenome Hurtado.

Uma filha desse Fernando, de nome Leonor Hurtado, casou com Diego Lopez de Mendoza, surgindo, daí, ramo Hurtado-Mendoza.

Fernando Furtado, membro dessa família, transferiu residência para Portugal, e sua filha, D. Brites, veio a casar-se, naquele país, dando origem ao grupo português da família Meneses, ficando constituído o ramo Meneses Furtado, que passou a adotar um só brasão.

Antônio Furtado de Mendonça e Meneses, residente na ilha da Madeira, no começo do Século XIX, tendo resolvido emigrar para o Brasil, para isso se incorporou à comitiva do ouvidor que fôra designado para atuar na Capitania do Ceará.

Aqui chegando, conseguiu o português Antônio Furtado a nomeação de escrivão dessa ouvidoria pelo então Governador Luís de Barba Alardo, exercendo o cargo de 1811 até 1815, quando veio a dele afastar-se, segundo voz então corrente, para não compactuar com certos negócios pouco lícitos, embora admitidos e geralmente aceitos, pois, segundo a moral corrente, **"ultra Equinoxium non peccavi"**.

Antes, porém, já havia contraído núpcias com Isabel Ferreira Cavalcante, filha do rico fazendeiro, coronel José Rodrigues da Silva. Do conúbio advieram 12 filhos, sendo sete do sexo masculino e cinco do sexo feminino.

Dessa prole desenvolveu-se numerosa descendência, que se derramou pelas províncias do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, permanecendo pequeno grupo em Riacho do Sangue, no vale do Jaguaribe.

Um dos membros do referido clã, Antônio Furtado, avô do Dr. Arruda Furtado, se fixou em Baturité, enquanto os irmãos Hermenegildo Furtado e

(*) Pronunciado a 22/1/1990

Vasco Rogério Furtado escolheram a então vila de Quixeramobim para residência.

Vasco Rogério, capitão da Guarda Nacional, veio a casar-se com Henriqueta Angélica do Patrocínio, neta do coronel Antônio Bezerra de Sousa e Meneses, que teve grande influência e ação no seu meio e no seu tempo, tendo sido comandante das armas da Confederação do Equador no Ceará. Derrotado e feito prisioneiro, foi processado e condenado à morte, tendo, porém, sua pena comutada em degredo perpétuo, que deixou de cumprir, por ter falecido quando levado para o exílio.

Do casamento do capitão Vasco Rogério Furtado com Henriqueta Angélica nasceram quatro filhos. O primogênito, José Furtado de Mendonça Bezerra de Meneses, conhecido por Juca, veio a adquirir sólida cultura, tendo cursado o Seminário de Fortaleza até o segundo ano de Teologia, transferindo-se, depois, para o de São Paulo, não chegando, porém, a alcançar o presbiterato, abandonando os estudos e voltando ao Ceará, indo recolher-se à sua morada em Quixeramobim. Falava e escrevia corretamente latim, francês, inglês, italiano e espanhol. Poeta, reuniu seus versos no livro "Flores do Coração", publicado em 1905, na Tipografia Minerva, de Fortaleza.

Casou-se, na sua cidade, com Anna Stella de Andrade Furtado, de cujo enlace nasceu apenas um filho, em 28 de janeiro de 1890, que recebeu o nome de Manuel Antônio de Andrade Furtado. E é, justamente, essa data que hoje está sendo solenemente lembrada neste Instituto.

Homem de vasto saber, dedicado às letras, procurou José Furtado propiciar ao filho uma educação aprimorada, fazendo-o estudar, desde os primeiros anos, na escola da professora Idalina de Sales Andrade, esposa do tio Plácido de Andrade. Concluído o currículo primário, passou a freqüentar cursos avulsos a cargo da tia, Maria do Patrocínio Furtado; do tio, Antônio Furtado; e do próprio pai. Ao mesmo tempo ia sendo instruído no latim pelo professor José Ramfígio de Freitas; no francês, pelo dr. João Paulino de Barros Leal Júnior, médico, irmão de João Paulino de Barros Leal Filho, avô de Vinicius Barros Leal; e no português expositivo pelo professor Gentil Homem de Barros Leal.

Já possuidor de apreciável cultura intelectual, tomou a seu cargo a circulação do jornalzinho "O Quixeramobim", de parceria com o primo Vasco Benício, dando, assim, os primeiros passos para a carreira jornalística, na qual viria a ser vulto dos mais representativos anos mais tarde.

Completando, dentro dos limites que o meio permitia, sua formação intelectual, a que não ficou ausente a moral religiosa e que seria ponto vital no desenvolvimento de todo o seu futuro viver, entendeu o moço Manuel Antônio ter chegado a ocasião de buscar novos recursos para atendimento da sua fome de aprender mais, como também para abrir-lhe caminho de novos horizontes, na persecução de ideais superiores.

E, assim, mal transpostos os 17 anos de idade, na desenvoltura de uma adolescência bem ordenada, transfere-se para Fortaleza, aceitando o amparo do parente Francisco Assis Bezerra, que não só lhe deu paternal acolhida no seio de família, como lhe ofereceu facilidade de sobrevivência, com emprego na

importante Tipografia Minerva, de que era proprietário, e de quem, aliás, viria a ser genro, quando do segundo casamento. De 1907 a 1911 passou a estudar no Instituto de Humanidades, do professor Joaquim Nogueira, na época o melhor e mais procurado educandário de Fortaleza, com métodos de transmitir conhecimentos, abalando todo o didatismo local e superando formas e noções abstrusas, que a inércia nesse campo de aprendizagem persistia em adotar. Nesse estabelecimento Andrade Furtado não só estudava com afinco, como também passou a exercer o magistério, aplicando, assim, esse outro lado de sua vocação, aliada à do jornalismo.

Dedicando-se de modo intensivo às dificuldades e sacrifícios da docência, entregou-se de corpo e alma às atividades profissionais, ensinando também no Instituto Miguel Borges, dirigido pelo professor Odorico Castelo Branco, severo e até exagerado na distribuição do ensino e na aplicação da disciplina escolar, mas que, por isso mesmo, impôs-se como alvo da preferência dos que desejavam obter boa formação para seus filhos. Passou ainda a ensinar no Colégio Colombo, durante a administração do dr. Leiria de Andrade, e na Fênix Caixeiral, instituição fundada em 1891, que inaugurou uma Escola de Comércio em 1912, proporcionando oportunidades para o aperfeiçoamento profissional da classe dos chamados caixeiros, que, ocupados nos empregos durante o dia, passariam a ter à sua disposição um estabelecimento de ensino para aquisição de conhecimentos especializados. Criava, assim, a Fênix Caixeiral ambiente próprio para freqüência dos auxiliares do comércio e da indústria, facilitando-lhes meios adequados para aquisição da técnica moderna nos negócios. Nisso tornava-se pioneira do ensino comercial no Brasil. Para se ter uma idéia da organização administrativa na instituição, os professores da Escola eram escolhidos em sessão da Diretoria e mereciam comunicação protocolar, como sucedeu com a nomeação do jovem Andrade Furtado, que, a respeito, recebeu o seguinte officio: "Tenho a subida honra de levar ao vosso conhecimento que, em sessão realizada no dia 30 do fluente, fostes nomeado para reger a cátedra de Inglês, do 3º ano, da Escola de Comércio da Fênix Caixeiral, que muito se desvanece e ufana de vos ter incluído no número dos seus professores".

Além dessas ocupações que só podiam tomar grande parte de seu tempo, ainda se entregava Andrade Furtado à colaboração na imprensa, chegando mesmo a fundar, com seu colega do Instituto de Humanidades, José Mendonça Nogueira, "O Bandeirante", colaborando na Revista do mesmo Instituto e no "Cruzeiro do Norte", semanário católico que circulava em Fortaleza.

A par dessa intensa atividade, Andrade Furtado empenhava-se denodado na consecução dos chamados "preparatórios", instituídos pela Reforma do Ensino, aprovada pelo ministro Carlos Maximiliano. Esses "preparatórios", indispensáveis para matrícula em cursos superiores, eram conseguidos mediante exames parcelados no Liceu do Ceará, num ciclo de quatro por ano. Daí explicar-se porque, tendo chegado em Fortaleza com 17 anos, somente conseguiu ingressar na Faculdade de Direito aos 21 anos de idade.

Não o fez para aquisição de um título honorífico e de um diploma que sempre foi visto no Brasil como a mola mestra para ocupação e exercício de

cargos que conferem honras, poder, glória e riqueza. Como afirmou em seu discurso pronunciado quando da aquisição do bacharelado, "desde bem cedo as concepções do Direito empolgaram-me, na magnitude sem par de toda a sua harmonia, na grandiosidade infinita do seu imenso prestígio. E por qualquer aspecto que o contemplasse, admirava-o na imponência real da sua nobreza inconfundível, na retidão absoluta da sua integridade perfeitíssima".

Após curso brilhantíssimo, bacharelou-se em 1915, tendo sido escolhido orador da turma. No seu discurso destaca-se, avulta, aflui, de modo exuberante, o vigor do seu caráter retilíneo, a grandeza dos seus sentimentos valiosos, a coragem das suas atitudes desassombradas e a força das suas convicções religiosas, superiormente cultivadas. Assim, afirma intemorato, perante uma assembléia de homens que faziam praça de cultuar uma ciência agnóstica: "Razão de sobra tenho para desprezar o convencionalismo social, para não temer o riso escarnecedor de certa classe de espíritos adiantados, sem a mínima quebra da dignidade de meus sentimentos, nesta ocasião soleníssima da minha vida, declarar aqui, perante vós todos, que as deslumbrâncias do sol da ciência não me apagaram no peito a centelha viva da fé, que nesta casa o meu espírito, a par de um manancial de fundo saber, encontrou sempre alento eficaz para as razões da sua crença. Nesta escola de luz tributei o mais decidido preito da minha homenagem sincera à sabedoria assombrosa dos homens. Admirei, extasiado e perplexo, as grandes conquistas do gênio, surpreendentes maravilhas da jurisprudência universal, o poder de penetração audacíssimo da inteligência dos filósofos. Nem por isso, nem por isso deixei de manter, no recesso do mais íntimo de mim mesmo, a crença que dos lábios de minha mãe passou diretamente ao meu coração, crença que os meus estudos posteriores ilustraram e que é hoje um doce conforto da minha consciência, um dom inauferível da minha própria razão, a frágua, por assim dizer, onde se constituiu, acrisolou e fortaleceu a dignidade do meu caráter. Peço que me perdoem, os que aqui me ouvem, e não estranhem as minhas franqueas ríspidas, nesta época de desfalecimentos, de ceticismo falaz, de subserviências à tirania das novas correntes de pensamento. Para mim a fé não necessita de ser somente esclarecida, mas também decidida e corajosa. O meu discurso é, pois, a afirmação sincera do que penso e do que sinto. E mais: é a proclamação das minhas convicções, é o atestado público das minhas crenças inabaláveis, é a minha solene profissão de fé, o grito triunfal de um couraceiro andante, que se empenhou na refrega tumultuosa dos combates, no torvelinho ardente das lutas do pensamento, e que, ao fim, retemperado nas suas mesmas energias de outrora, fita a bandeira de comando e a reconhece, olha o símbolo sagrado do seu ideal e o bendiz".

Ardoroso, incontido, vibrante e altaneiro, Andrade Furtado assumia ares de profeta, que não só afirma suas crenças como não se teme de enfrentar e dissecar situações clamorosas que podem levar ao desespero e à destruição, se não se prepararem reações à altura dos perigos em vista. E assim é que, contemplando o estado de coisas que denunciavam calamitosos delíquios, verificados na ordem moral, social e política do seu tempo, afirma corajosamente: "O estado atual da nossa pátria é fielmente narrado pela eloquência inconfundí-

vel dos fatos... Todos os brasileiros sabem do descrédito e das humilhações deste país tão grande, mas tão desastrosamente agrilhado ao rochedo fatídico da política sem moral, da ganância sem entranhas. Todos percebem a melindrosa gravidade do momento e estão contemplando o vértice do abismo a cuja margem nos encontramos. E a maior desgraça que nos aflige, que abate a dignidade da nação e ofende os brios do nosso passado e das nossas tradições veneráveis, é a postergação do caráter, é a relaxação dos costumes, é a decadência do sentimento moral da raça. Afrouxam-se até os laços fraternais que nos unem, perde-se mesmo a compreensão da solidariedade nacional... Dentro de nossas fronteiras não vicejam, já agora, senão excepcionalmente, o patriotismo, o desinteresse, a coragem, a altivez, enfim o prestígio fundamental no verdadeiro merecimento. Não há ideal, não há estímulo, não há coesão, não há força, não há convicção, ou ainda melhor, não há crença”.

Toda esta explosão de revolta, ante os males que assolavam a vida nacional no seu tempo, lançada dos lábios de um jovem mal saído dos bancos acadêmicos, bem pode ser repetida em nossos dias, pois, apesar dos 72 anos decorridos, a situação entremostrada continua a mesma se não aumentada, transformando a nação em nova Babel, em que ninguém mais se entende.

Três anos depois, em 22 de janeiro de 1918, o aluno que tão desassombadamente externara suas convicções ao mesmo tempo em que demonstrava o elevado grau de uma cultura jurídica, política e social, adquirida no convívio com os livros e nas aulas de eminentes mestres, voltava à Faculdade de Direito envergando a beca de Professor Substituto da 5ª Secção do Curso Jurídico, na cadeira de Economia Política e Finanças, conquistada mediante brilhante concurso, com apresentação de teses da mais empolgante atualidade, como Liberdade humana, seus corolários na Economia Política. Regime de Trabalho. Lei da Concorrência. O Poder Público e a Instrução.

Abria-se-lhe de modo alvissareiro a vida profissional ligada ao magistério. Assim, em 3 de julho de 1919 era designado para reger a cadeira de História Geral e da Civilização no Liceu do Ceará. Em 24 de fevereiro de 1933 assume a cátedra de Direito Administrativo na sua Faculdade, mediante permuta com o professor da matéria, Waldemar Falcão. Em 24 de maio de 1935 é nomeado professor catedrático da 18ª Cadeira de Economia Rural da Escola de Agronomia do Ceará. Em 23 de março de 1936, tendo a Faculdade de Direito sido federalizada, é mantido pelo Governo da República no cargo de Professor de Direito Administrativo da mesma escola. Em 22 de junho de 1951 é designado para exercer a função de Diretor da Faculdade de Direito do Ceará, prosseguindo no cargo por decreto de 29 de abril de 1954, tendo ainda o mandato prorrogado por mais três anos, por decreto de 28 de fevereiro de 1958. Nessa qualidade assumiu várias vezes a Reitoria da Universidade Federal do Ceará, quando das ausências do respectivo titular. Em 31 de dezembro de 1962 foi distinguido com a láurea de Professor Emérito da Faculdade de Direito.

Além dessas importantes atividades, ainda passou Andrade Furtado a ensinar na Faculdade Católica de Filosofia, da qual chegou a ser Diretor, e na Escola de Serviço Social, ambas encampadas pelo Governo do Estado, e de-

pois agregadas à Universidade Estadual.

Seu tempo não era ocupado apenas no magistério superior, aplicando-o também na Presidência de uma cooperativa de crédito, depois transformada no Banco Popular de Fortaleza, graças à sua clarividente e operosa administração.

Andrade Furtado era devotado partidário da Monarquia. Não por saudosismo, pois nascera já no regime republicano, mas por convicção, diante do confronto estabelecido entre as deficiências, incoerências e desacertos do regime inaugurado em 1889 e a austeridade, a segurança, a sensatez e a honestidade dominantes no Império. Isso ele mesmo expôs, em discurso pronunciado em Quixeramobim, no ano de 1913, e continuou a assim pensar pelo resto da vida.

Mas nem por isso deixou de dar sua colaboração decidida e eficiente às instituições republicanas vigentes, quando chamado, não só ao exercício de Juiz do Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Ceará, por nomeação do Presidente da República, por dois períodos, um de 1932 a 1936 e outro de 1953 a 1956, como, indo mais longe, aceitando e desempenhando elevadas e importantes posições na administração do Estado, como as pastas das Secretarias do Interior e da Fazenda, sucessivamente, chegando mesmo a assumir o governo nas ausências do seu titular, mostrando no desempenho de tais cargos inegável capacidade e entranhado amor à coisa pública.

Desde a infância borbuhava-lhe no espírito a vocação para as lides da imprensa.

Como já foi dito, ainda adolescente, na sua cidade natal, assumia, com seu primo Vasco Benício de Castelo Branco, a responsabilidade na circulação do jornalzinho "O Quixeramobim".

Passando, logo mais, a residir em Fortaleza, entrou a colaborar na Revista Escolar, publicação do Instituto de Humanidades, do qual era aluno e também professor. Essa revista, de caráter verdadeiramente revolucionária, não só no campo didático como na divulgação de trabalhos literários do interesse e da autoria dos alunos, funcionava como elemento importante no processo educativo da época, pouco desenvolvido e ainda apegado a sistemas obsoletos.

Nessa convivência com a arte do jornalismo, ia robustecendo a paixão pela manifestação do pensamento escrito, a ponto de ao terminar sua formação intelectual e desenvolver convívio com as letras jurídicas, encontrar fácil acolhimento na redação dos vários jornais em circulação em Fortaleza, como o "Diário do Estado" e "Correio do Ceará", na época o mais importante órgão publicitário do Estado, ali ocupando a chefia da Redação.

Mas foi no NORDESTE, órgão do episcopado mas de grande autonomia no seu papel de formação e informação dos seus leitores, que Andrade Furtado desempenhou tarefa das mais importantes na vasta área da comunicação. Gozando da mais absoluta confiança da autoridade eclesiástica, que não só conhecia sua edificante cultura como estava ciente da sua perfeita ortodoxia no que dizia respeito à doutrina católica, dispunha ele da mais completa liberdade na direção da folha, o que lhe facultava dar a ela feição atraente, elevada e de

vibrante independência.

Senhor da pena, dono de estilo terso e agradável, sereno na argumentação mas enérgico nos arremessos, não tergiversava na defesa dos princípios que abraçava nem fugia à discussão por mais violentos que fossem os ataques a rebater. Isso porque, na época, havia sempre ambiente de hostilidade a desfazer e necessidade de desarmar adversários da lei ou da ordem, a par de contundentes ataques à Igreja e mesmo aos seus mais respeitáveis representantes. Não é que o jornal se apresentasse como elemento acirrador de conflitos no campo das idéias. O seu papel era defender a verdade nos seus aspectos mais conspícuos e elevados. E isso ele praticava, tornando-se alvo de admiração e de respeito em todas as camadas da sociedade. Era, o jornal, assim, elemento de proibida irradiação, alcançando volumosa circulação e penetrando nos vários setores da convivência social. Gozando de indiscutível prestígio tanto nos meios sociais como políticos, intelectuais e religiosos, propiciava ao seu diretor e redatores justa respeitabilidade. E a prova da valiosa influência de Andrade Furtado no jornal, que tão superiormente dirigiu durante 40 anos, foi que seu afastamento, por motivo de idade avançada e de saúde periclitante, levou-o à decadência e terminou com seu desaparecimento.

A sua juventude, enredada nas ocupações e preocupações da luta pela vida, a que desde cedo foi lançado, na aspiração de ideais os mais edificantes e de augúrios os mais animadores para a conquista de um bom lugar ao sol, obumbrava-se no entanto na saudade de um amor distante, o que lhe varria da alma os prismas da alegria.

Durante a permanência na terra do berço, ao se lhe despertar a adolescência, teve o coração alcançado "por uns olhares de inocência, íris de paz, de amor e de clemência".

Esses olhares, "como coriscos rutilantes", atingiram fundamente o coração do moço, "escravizando-o ao domínio sem par do seu encanto".

Obrigado a buscar novas paragens para atender aos reclamos da inteligência em desenvolvimento, carregou no seu íntimo a imagem da dona daqueles olhares, cujo encanto passou a exercer nele verdadeiro domínio.

E, então, entre as agruras do trabalho diuturno e as exigências do estudo avassalador, sentia-se perseguido pela saudade, "tornando seu tormento bem mais rude".

E foi assim que, seguindo o conselho de um filósofo, transformou em poema aquele pertinaz sofrimento, passando a confiar a versos o amargor provocado pela ausência do amor distante.

Assim, em 1913, em soneto intitulado "Nosso Destino" instilava seus silenciosos lamentos:

Um dia só! Foi ontem que nos vimos,
Mas, quão longe parece a tua ausência!
Ao peso da saudade que sentimos
É bem triste a jornada da existência.

Já não gozo a brandura dos teus mimos,
Penetrados de afetos e inocência,
Sofro a profunda mágoa em que caímos,
Do nosso puro amor sagrada essência.

Quantas lembranças n'alma me despertas,
Ó tempo de ilusões! Sinto desertas
As salas do palácio da quimera...

És meu futuro. Fostes o passado!
Como eu fôra feliz sempre ao teu lado
Qual tu desejas, como eu bem quisera!

Logo em seguida, ainda em 1913, dirige à doce amada esses versos:

Se não te conhecesse astro, flor, vida, mimo,
Amor, único amor, amor puro e sincero,
Eu não te quereria assim como te quero,
Eu não te estimaria assim como te estimo!

Jamais compreenderia o proceder austero
Com que me martiriza esse teu sofrimento,
Odiava a solidão, odiava o sofrimento,
Não te veneraria assim como venero!

Se não te conhecesse assim como conheço,
Sabendo que tua alma é espelho de cristal
E que dentre as vestais és a única vestal
Cujo excelso esplendor proclamo e reconheço.

Por ti não sofreria este anseio profundo,
Mil vezes não diria o que te há pouco disse:
Minha estrela de amor, de paz e de meiguice,
Só a ti é que adoro e prezo neste mundo!

Tão avassaladora era esta saudade, que nem esperou a conclusão do Curso de Direito. Marcada a colação de grau para 8 de dezembro de 1915, realizou o casamento com a sua idolatrada ausente, a jovem Maria Alexandrina Castelo Branco, sua prima, no dia 5 de junho.

A vida lhe abria, então, as portas fagueiras de uma existência ao mesmo tempo envolvida de responsabilidades e de venturas.

Mas o casamento não lhe proporcionou tão-somente as doçuras de um encontro feliz a dois, atraídos irresistivelmente pelo amor que as almas enternece. Trouxe-lhe uma concorrente amável e mesmo desejada, animosa e culta na refrega jornalística, juntando-se-lhe no manejo da pena, ao assinar, com a letra

L, coluna diária no "Correio do Ceará", em que não só enfocava assuntos de agradável interesse como defendia os direitos da mulher, empenhando-se na difusão de idéias para realização plena de sua pessoa humana e cristã. E era de ver como defendia o feminismo, dentro do mesmo brilho de combatividade que animava os escritos do esposo. Não, como escrevia, "o feminismo ridículo e irrealizável, que pretende masculinizar a mulher, desviando-a do cumprimento de seus deveres, afastando-a da sua missão sublime, para reclamar direitos que lhe não são próprios, de macular-se no lodo vil de interesses mesquinhos, em que se abismam, as mais das vezes, homens politiquinhos e concorrer com eles. Quero um feminismo justo, razoável, essencialmente cristão".

Assim Andrade Furtado identificava-se também, deste modo, na arena na imprensa com os sentimentos da bem amada, por quem tão longamente suspirava mas que lhe viera trazer, com os encantos de uma convivência álcara e venturosa, as obrigações da manutenção do ninho em florescência. Daí a febre de disposição no encaço de meios para a sobrevivência, à altura de um apreciável bem-estar.

Acentuaram-se, então, de modo exuberante as duas vocações que lhe animaram toda a existência: o magistério e o jornalismo, e, assim, de um lado afirmava-se o professor totalmente dedicado ao ensino e do outro o homem de imprensa, armado cavaleiro impertérrito, vibrando a pena com altanería e destemor, destacando-se como valoroso defensor de princípios, idéias e doutrinas, fundados na dignidade da pessoa humana, nos mais eminentes valores espirituais e estribado nos mais seguros, serenos e imarcessíveis dogmas da fé católica. Porque, nas suas atitudes, nas suas decisões, nos rumos que se traçava e no campo de ação em que terçava as armas da ciência e da verdade, o que o distinguia, incitava e refulgia eram os seus primorosos sentimentos religiosos, cultivados na freqüência dos ensinamentos da Igreja e na prática e aproximação quotidiana do Sacramento da Eucaristia, certo, convicto e imbuído de que era esse o único modo de adquirir a força para o desempenho honroso de todos os trabalhos, tarefas e esforços que se lhe fossem imputados ou reclamados.

Estabelecida a família, devidamente assegurada a sua solidez econômica e a sua coesão social, foram surgindo aos poucos os rebentos da abençoada união, que iam recebendo os nomes de Maria Abigail, Anna Stella e José Abner.

A morte, porém, num rude e tredo golpe, levou-lhe abruptamente a doce companheira, após onze anos de amoroso convívio, em doce enlevo, deixando-o no mais doloroso desamparo, com três crianças amargando o fel da orfandade e grandemente necessitadas da assistência carinhosa e do insubstituível amparo materno.

O acontecido abalou-lhe fundamente a existência, mas não lhe arrefeceu o ânimo varonil nem o timbre moral. Na sua fé cristã alicerçou a reação à triste ocorrência, encarando-a como estabelecida por desígnios da Providência Divina, e passou a organizar novo modo de viver, na conformidade com os ditames do Alto.

Mas, encarando na realidade da situação o problema surgido, e tendo em

vista, de modo particular, o futuro dos filhos, órfãos de mãe e reclamando indispensável amanhã, decidiu convolar novas núpcias. E, como, no dizer do poeta, em se tratando de casos de amor, “o coração não morre, ele adormece”, não lhe foi difícil cogitar de novos afetos, afastando para bem longe a desolada viuvez. E suas preferências recaíram noutra prima, Maria Dilara Bezerra de Menezes, que conseguiu despertar no peito enlutado novos anseios, oferecendo-lhe, assim, dulçurosas expectativas para a formação de novo lar.

Contraindo matrimônio em 29 de maio de 1930, readquiriu a placidez da existência, animada pelo elo conjugal de duas almas que passaram a compreender-se e a completar-se.

Essa união feliz não encontrou percalços nem tropeços pelo tempo afora. Vinte e cinco anos após o enlace, dava ele disso testemunho, no soneto intitulado “Bodas de Prata”:

Temos vinte e cinco anos da mais doce
Convivência de paz e de ventura...
E esta afeição, que firmamente dura,
É como se d’agora mesmo fosse.

O tempo, que, inconstante se afigura,
Ao lar ditoso uma impressão nos trouxe:
– O nosso grande amor consolidou-se
Pelos laços do afeto e da ternura.

Junto do Altar, as nossas mãos unidas,
Prometemos a Deus que nossas vidas
Continuariam para sempre assim!...

Os vínculos de sangue – os nossos filhos –
Deram-nos à existência suaves brilhos
E farão elo de ouro aquele “sim”!

Cinco anos decorrem e novo epifício exalta o adorável convívio, em versos comemorativos do aniversário da esposa, assim manifestando-se:

Neste mês de Maria – mês das flores,
Vieste ao mundo, ó doce companheira,
Que partilhas comigo os amargores
E as alegrias da jornada inteira...

Nesta data querida e alvissareira
Junto do altar, radiante de esplendores,
Unimos, no repouso e na canseira,
Os corações, sem susto nem temores...

Trinta anos passados... Uma existência,
Na feliz e constante decorrência
De horas cheias de paz e de esperança...

Seja o futuro o gozo desejado
Para os filhos, unidos no sagrado
Amor que eleva a Deus e a glória alcança!

Foram nove os filhos nascidos desse celso enlace, que receberam na pia batismal os nomes de Luis Edgar, Maria Liara, Paulo Abel, Gil Ruben, Maria de Lourdes, Maria Noélia, Sílvia Maria, Manuel Antônio e Margarida Maria.

Todos os provindos da sua numerosa descendência, incluídos os resultantes das primeiras núpcias, e com exceção apenas de Sílvia Maria (minha afilhada), falecida no desfraldar da juventude, em número de onze, estão honrando e enaltecendo o nome herdado, mostrando que o professor e o jornalista foi também exímio educador.

Tanto assim que, do numeroso elenco, se destacam o jesuíta Padre José Abner, que se distingue pela sua cultura e pelo seu saber, mas sobretudo pelas suas virtudes; o excelente jornalista Luís Edgar, com posição proeminente nos grandes centros da comunicação no Sul do País; a poetisa Maria Abigail, que, com sua irmã, a apreciada escritora Ana Stella, residem no Rio de Janeiro; o probioso, respeitado e distinto Gil Ruben; o economista e pesquisador Paulo Abel, que substituiu o genitor na presidência da Conferência Vicentina de Santo Tomás de Aquino; o competente bancário Manuel Antônio; a ilustrada professora Maria Liara, que, apesar de formada, prefere, na sua modéstia, ficar a serviço de atividades pastorais; a doutora em sociologia, Margarida Maria, professora universitária; Maria de Lourdes escolheu a vida religiosa, passando a ser a freira Irmã Bernadette; Maria Noélia, decidiu-se pelas chamadas "prendas domésticas" e que apresenta exemplar comportamento no seio da família que constituiu.

Andrade Furtado, como se fez conhecido, conquistou espaço proeminente no calendário dos fastos representativos da cultura intelectual e da grandeza moral em nosso Estado, atingindo as culminâncias da vida literária, ocupando cadeiras na Academia Cearense de Letras, de que veio a ser Presidente, e no Instituto do Ceará, de cuja Diretoria foi membro largos anos.

No mundo religioso, de que era astro fulgurante, recebeu do próprio Santo Padre João XXIII o diploma de Comendador da Santa Sé, da Ordem de São Gregório Magno, uma das mais ricas lãureas atribuídas a leigos que prestam assinalados serviços à Igreja Católica, serviços esses bem assinalados não só na direção do NORDESTE, a que se dedicava de corpo e alma, a ponto de expor nesse afã a própria vida, como na atuação prestigiosa em entidades como o Círculo Católico, a Congregação Mariana, a Sociedade de Professores Católicos, a União de Moços Católicos, a Sociedade de São Vicente de Paulo e a Liga Eleitoral Católica, a que serviu com total despreendimento.

Embora avesso a atividades políticas, pois, se o quisesse, poderia ter ocupado cadeiras na Câmara dos Deputados ou no Senado da República, e mesmo em caráter efetivo o Governo do Estado, uma vez que pelo seu valor e renome contaria com base eleitoral para tanto, não se furtou quando, insistentemente solicitado a prestar sua colaboração, reclamada pela afeição da amizade, à indispensável imprescindibilidade do seu concurso ponderado e sereno. E tendo nas mãos a responsabilidade do Governo, a este ofereceu, dedicada e lealmente, a robustez da sua inteligência, a firmeza do seu caráter e a intrepidez do seu proceder sempre retilíneo e sem jaça. Apesar de ter ao seu alcance poderes ilimitados, a que a ditadura dominante se arrogou, sabia dosar a sua ação, tendo em vista o império da ordem, e a salvaguarda das liberdades democráticas, baseando-se nas suas arraigadas convicções religiosas e na sua penetrada formação jurídica.

Apesar de sua figura externando austeridade e dos seus princípios trescalando rigidez indisfarçável, sabia aliar à finura do espírito a finura do trato, e, nele, por isso, repetindo o celebrado orador português Alves Mendes, a força do dever compunha-lhe a força da vontade, burilava-lhe a correção do caráter, pautava-lhe o decoro da vida. Mantinha-se serenamente inflexível no centro daquela zona radiosa chamada dignidade e jamais deslizava da linha suave que tem o nome de cultura. Pesava as ocasiões e media as pessoas e as distâncias. Era a austeridade que se impõe, a probidade que se aprimora, a lealdade que se espelha, a bondade que se faz amada.

Sempre em equilíbrio nas suas idéias e nos seus atos, e apesar de seu aspecto sisudo, impávido e intrêmulos, procedia como homem polido, de virtudes sem rugas e de amizades sem deslizos. Fincava-lhe a existência o amor inmerato à família, o respeito incondicional à Igreja, e, como o Cid, de Racine, "sans peur et sans reproche", cumpria fidalgamente os deveres cívicos, extremamente os deveres sociais, sinceramente os deveres religiosos e escrupulosamente os deveres morais.

Homem do seu tempo, viveu ardentemente os triunfos e as vicissitudes que o chamado "mundo sem alma" implementava nos que se viam atormentados pela Revolução, que nova ordem de coisas fazia explodir nos vários quadrantes da terra, transformando a vida numa escalada cheia de degraus nem sempre a todos acessíveis.

Para enfrentar as ações ou subversões entradas em erupção se faziam necessários muito equilíbrio nas decisões e muita sinceridade nas relações mútuas.

Assim, nessas ebulições exageradas e desordenadas só conseguem vencer as inteligências esclarecidas e os espíritos iluminados por sólida formação religiosa. Querer ou não querer, a religião é o sistema sensorio-motor das sociedades. E daí ter dito Jesus Cristo que sem Ele nada se pode fazer.

Andrade Furtado podia figurar na galeria dos grandes pensadores católicos, como Louis Veillot, Chesterton, Léon Blois, Hello. E disso é que nos orgulhamos, por ver que um dos nossos, criado e vivido em nosso meio, que dizem acanhado, possa ombrear-se com figuras do mais alto porte intelectual e

social dos povos cultos.

Assim, como encarou de frente a vida, soube também portar-se com de-
nodo em face da morte, encerrando seus dias na placidez dos que souberam
cumprir os seus deveres de homem de bem. Como o apóstolo S. Paulo, podia
repetir: **"Bonum certamem certavi, fidem servavi, cursum consumavi"**.

E em homenagem à sua memória, podemos repetir o que ele escreveu,
traduzindo o "Epitáfio", do poeta francês Louis Veuillot, que ele tanto admirava:

Colocai ao meu lado a minha peña
E sobre o peito o Cristo, meu brasão.
Ponde aos pés este livro. Então, serena,
Mansamente fechai o meu caixão!

Em minha cova, após a última prece,
Plantai a Cruz, conforme o meu desejo,
E se uma prece o lidador merece,
Nessa pedra gravai: "Eu cri, eu vejo".

Confio em Ti, Senhor! Em minha vida
Jamais corei de tuas leis prezar.
Diante do Eterno Pai, na hora temida,
Ele, de mim, não deverá corar.